

“Cabeça de Ozempic”: entre a medicalização e a natureza nas práticas material-discursivas sobre celebridades no X

“Ozempic Head”: between medicalization and nature in material-discursive practices about celebrities on X

Pedro Paulo Venzon Filho

<https://orcid.org/0009-0000-7688-6862> 

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade Federal de Santa Catarina/ Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

Atilio Butturi Junior

<https://orcid.org/0000-0002-9985-2259> 

Doutor em Linguística

Universidade Federal de Santa Catarina/ Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

Luciana Patricia Zucco

Doutora em Saúde da Criança e da Mulher

<https://orcid.org/0000-0003-2955-1642> 

Universidade Federal de Santa Catarina/ Departamento de Serviço Social

Informações completas sobre autoria estão no final do artigo 

Resumo: O presente artigo analisa como práticas discursivas nas redes sociais, especialmente no X (antigo Twitter), tratam o uso do medicamento Ozempic por celebridades. O texto discute a medicalização da gordura e o ideal de magreza dentro de uma sociedade salutarista, utilizando referenciais de Foucault e do neomaterialismo. O estudo foca-se no caso da cantora Maiara, acusada de ter a chamada “cabeça de Ozempic” e sua relação com o emagrecimento rápido e supostamente desproporcional. A análise mostra como os comentários nas redes reforçam uma moral do corpo “natural”, associando o uso de medicamentos à falsidade, loucura e anormalidade. Argumenta-se, para tanto, que as práticas discursivas atuais combinam vigilância digital, confissão e normatização da saúde e da estética. Nas conclusões, indica-se que o corpo das mulheres continua sendo um campo de controle moral e médico, com a contribuição histórica da farmacologia e, agora, intensificado sobremaneira com as tecnologias digitais. O fenômeno “cabeça de Ozempic” revela a tensão entre natureza, discurso, tecnologia e gênero na sociedade contemporânea, o que exige atentar para as agências distribuídas de agentes humanos e não-humanos.

Palavras-chave: Ozempic; Dispositivo da obesidade; Análise Neomaterialista; feminejo.

Abstract: This article analyzes how discursive practices on social media, especially on X (formerly Twitter), address the use of the drug Ozempic by celebrities. The text discusses the medicalization of fat and the ideal of thinness within a healthism-oriented society, drawing on Foucault and neomaterialist frameworks. The study focuses on the case of the singer Maiara, accused of having the so-called “Ozempic head” and its association with rapid and supposedly disproportionate weight loss. The analysis shows how online comments reinforce a moral ideal of the “natural” body, linking the use of medication to falseness, madness, and

abnormality. It is argued that contemporary discursive practices combine digital surveillance, confession, and the normalization of health and aesthetics. The conclusion highlights that women's bodies remain sites of moral and medical control—now intensified by digital and pharmacological technologies. The “Ozempic head” phenomenon reveals the tension between nature, discourse, technology, and gender in contemporary society, calling attention to the distributed agencies of human and nonhuman actors.

Keywords: Ozempic; Obesity dispositif; Neomaterialist analysis; feminejo.

Introdução

Jane Bennet (2010), naquilo que denomina de seu “materialismo vitalista”, elege como uma de suas questões a chamada “crise de obesidade norte-americana”. A autora parte do “thing power”, “poder-coisa” numa tradução literal, para refletir sobre a agência compósita dos eventos. A “crise da obesidade”, da perspectiva compósita e segundo uma agência distribuída, diria respeito a diversos vértices entre agentes humanos e não-humanos

[...] the problem of obesity would thus have to index not only the large humans and their economic-cultural prostheses (agribusiness, snack-food vending machines, insulin injections, bariatric surgery, serving sizes, systems of food marketing and distribution, microwave ovens) but also the strivings and trajectories of fats as they weaken or enhance the power of human wills, habits, and ideas. (Bennet, 2010, p. 42-3).

Tendo em vista o caráter compósito deste evento da “crise da obesidade” defendido por Bennet (2010) e ancorados numa análise neomaterial intra-ativa foucaultiana (Butturi Junior; Camozzato, 2023), pensemos nessa crise a partir de outras linhas – a indústria de alimentos, as redes sociais, o salutarismo, a medicalização das condutas, os agenciamentos de gênero e raça etc. Aqui, vamos nos deter sobretudo na a irrupção da medicalização da gordura, a que assistimos atualmente com o Ozempic (nome comercial da Semaglutina). A ANVISA, no Brasil, aprovou o Ozempic para o tratamento de diabetes em 2018. Na mesma época, o medicamento ficou conhecido por sua capacidade de emagrecimento, o que promoveu seu consumo *off-label*, ou seja, por pessoas que não tinham diabetes, mas que queriam usufruir do efeito de emagrecimento que o remédio provocava. (Soares; Pereira, 2025).

Um êxito comercial imediato, a ponto de seus estoques acabarem nas farmácias brasileiras em 2023 (Soares; Pereira, 2025). Os relatos de problemas começaram a aparecer no Brasil e no mundo¹, a ponto de seus fabricantes enfrentarem, atualmente,

¹ Isso aconteceu também com a sibutramina, em meados de 2010, quando órgãos internacionais se posicionaram sobre sua segurança - inclusive a Anvisa.

processos bilhardários (Huang, 2025). Nas redes sociais, porém, celebridades mostravam e mostram seu emagrecimento, mesmo negando o uso do remédio ou de seus concorrentes, como o Mounjaro (Tirzepatida). Entre esses efeitos, passou a circular a expressão “cabeça de Ozempic”, explicada pelo endocrinologista Ricardo Barroso:

Essa questão da desproporcionalidade entre rosto e corpo acontece pela perda de massa muscular, causada pelo rápido emagrecimento. Isso dá a sensação do resto do corpo estar mais magro do que a cabeça. Então, tudo tem a ver com a falta de massa muscular e de estrutura da composição corporal. (Maraccini, 2024).

A “cabeça de Ozempic” trazia para a discussão das redes uma moral corporal, que tratava de marcar as pessoas que não emagreciam “naturalmente” e recorriam ao Ozempic. O uso do remédio tornava-se um problema dos sujeitos que, em uma sociedade salutarista (Crawford, 2019)², eram cobrados pela “verdade de seu corpo” ou por sua “psicologia dismórfica”. A mesma sociedade que exigia um corpo útil e esbelto no dispositivo da obesidade (Faxina, 2019), agora se perguntava sobre a “verdadeira magreza”. Esse movimento vai ao encontro do que defende Mota (2024), para o qual a estética marca, no mundo contemporâneo, uma moral e uma psicologia, o que expande os limites da medicina em sua intervenção nos corpos. No limite, coloca em cena a modalidade de poder produtor a que Foucault (2009a [1976]) relacionou à sexualidade: um poder falante e onipresente, distribuído em vários níveis e que, polivalente, produz normalização, mas também investe os corpos no desejo.

A partir dessas séries e dessas práticas, nosso artigo tem por objetivo analisar comentários sobre celebridades que foram “acusadas” de “cabeça de Ozempic” e descrever como as estratégias salutaristas de responsabilização, de medicalização e de produção da normalidade individuais prevalecem nos discursos das redes. O recorte é o caso da cantora brasileira Maiara, cuja saúde mental e física foram amplamente debatidas no X entre 2023 e 2024. O motivo foi seu emagrecimento, supostamente com Ozempic, gerando questionamentos sobre a percepção de seu corpo como “anormal”. Diante das séries materiais e da agência distribuída entre humanos e não-humanos, nossa escolha se volta para os discursos, mas lidos no limite em que se produzem – com algoritmos, com remédios, com raça e gênero.

² Para Robert Crawford (2019), o salutarismo seria uma ideologia que enfatiza a preocupação com a saúde pessoal. Ele envolve, portanto, ações, emoções e comportamentos individuais considerados necessários para a manutenção do bem-estar. Nesse sentido, o foco da saúde está centrado no indivíduo, que se torna responsável por promovê-la, exercendo autocontrole e transformando seu próprio estilo de vida. O autor alerta para a contínua despolitização do conceito de saúde e bem-estar provocada pela ideologia do salutarismo, bem como pelos reducionismos e pela culpabilização do indivíduo. Além disso, aqueles/as que aparecam gozar de boa saúde são projetados/as como modelos ideais de corpos sãos.

O texto está dividido nesta Introdução e em mais três seções. Na primeira seção, descrevemos o conjunto de conceitos que balizam teoricamente o artigo. Na segunda seção se faz uma breve história do corpo e do dispositivo da obesidade dispositivo. Na última seção se faz uma análise breve dos discursos sobre a “cabeça de Ozempic” a partir das publicações sobre Maiara na rede X.

Os dispositivos relacionais e a tecnobiopolítica

Para fazer a análise dos discursos das postagens do X, optamos pelas problematizações neomaterialistas de um dispositivo relacional e de uma assunção da perspectiva *onlife* (Floridi, 2015). Além deles, utiliza-se a discussão sobre biopolítica e tecnopolítica, além da governamentalidade distribuída entre agentes humanos e não-humanos. Da perspectiva neomaterialista, entenderemos, pois, que o problema da disciplina e da normalização, que aparecem em *Vigiar e Punir* (2021 [1975]) e que mais tarde se desloca para um problema de governamentalidade, diz respeito justamente a pensar numa relação que não apenas produz o humano por tecnologias de si (as semiotécnicas), mas que também inventa governos dos homens e das coisas (conforme defendido por Lemke (2021) e Butturi Junior (2023)).

Então, vejamos. Em *Vigiar e Punir* e nos textos da sociedade da normalização, conforme Gordon (1991), Foucault (2021 [1975]) vai esclarecer essas práticas discursivas como descontinuidades. Entende-se que há modificações nos “regimes de verdade” (Foucault, 2021, p. 26), os quais são práticas discursivas de um saber que tem pretensões de formalização científica e que fazem parte do que ele denomina de continuum médico-jurídico. Foucault (2021 [1975]) falará de “semiotécnicas”, como mecanismos de saber-poder ao mesmo tempo discursivos e não-discursivos, tecnologias e discursos que, em sua irrupção, inventam novas práticas de corporalidade, de punição e de normalização.

Para mostrar as formas da descontinuidade, ele defende que uma sociedade punitiva do suplício deu lugar, a partir do século XVIII, a técnicas variadas e contínuas de docilização dos corpos, a que chama de disciplinas. As disciplinas só existem a partir dos saberes das ciências humanas, que “criam” o “sujeito, o “indivíduo” a partir de técnicas de saber e de poder que são diretamente exercidas sobre os corpos. O poder, como defende o autor, não é mais algo que se detém ou que tem um centro, mas passa a ser exercido de vários pontos e, com isso, produzindo também resistências.

A sociedade de normalização tem uma característica importante, que é a de produzir um saber sobre o sujeito, individualizá-lo, perscrutá-lo em suas minúcias. No interior de suas estratégias de saber-poder, nelas operam os saberes sobre o homem, as “ciências humanas”, cujas “baixas origens” o autor quer descrever. Para Foucault (2021 [1975]), entre as estratégias estão os “saberes psi”, a medicalização, a relação

entre o médico e o jurídico, a ciência e a prisão. Seu efeito principal é docilizar os indivíduos, ao mesmo tempo em que estabelece a separação entre o normal e o anormal. No que ele chama de panoptismo e que aparece no século XIX, com Jeremy Bentham e os reformadores, é uma nova forma de poder, quase invisível, que opera sem um centro, mas que é eficaz para produzir obediência para escolas, asilos, reformatórios, hospitais, exércitos e fábricas. Ainda nessa discussão genealógica da sociedade da normalização (Gordon, 1991), Foucault (2009a [1976]) apresentará a questão do dispositivo da sexualidade e da biopolítica. No primeiro caso, a tese dele é de que o sexo não é reprimido, como afirmamos anteriormente, mas que os saberes e as práticas sobre a sexualidade se multiplicaram desde o século XVIII. No século XIX se definiu um dispositivo da sexualidade segundo a ordem de uma *scientia sexualis*, que tinha como questão central produzir a verdade do sujeito a partir do sexo e de uma rede de saberes que separavam normalidade e anormalidade. Tal dispositivo constitui uma rede de poder-saber que responde a uma urgência histórica e é composto de enunciados e de práticas (Foucault. 2009).

Um ano mais tarde, em entrevista à *International Psychoanalytical Association*, em 1977, Foucault enuncia mais detidamente o que entende por dispositivo.

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. [...] Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudança de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência.

O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (Foucault, 2009, p.244). Como informa Butturi Junior (2020), dois processos fazem esse dispositivo foucaultiano funcionar: “[...] um, de “sobredeterminação funcional” em relação à dispersão de seus elementos e aos demais dispositivos; outro, de “preenchimento estratégico”, entendido como o mecanismo plástico de reutilização dos dispositivos a partir de novas urgências históricas”.

Mais recentemente, Lemke (2021), ao discutir a proposta neomaterialista de Barad (2017) para o conceito de dispositivo, elabora-o como “dispositivo relacional”, tendo em vista justamente o problema do governo em Michel Foucault, lido duplamente como um exercício sobre as coisas e sobre as pessoas. Para ele, o dispositivo relacional “[...] abre a análise para as relações estratégicas de forças em vez de se concentrar na organização estrutural” (Lemke, 2021). Finalmente, o conceito “[...] captura a interação de questões ontológicas, tecnológicas e estratégicas a fim de abordar o problema da “política ontológica”, abrindo caminho para uma abordagem mais materialista do governo” (Lemke, 2021).

Neste texto, então, tomamos o caráter estratégico o heterogêneo dos dispositivos, sempre relacionais e forjados nas modalidades de governo dos homens e das coisas, e na relação entre esses homens e essas coisas. Consideramos, ainda, que a tecnologia de governo em que atualmente nos constituímos diz respeito a uma tecnobiopolítica.

É preciso fazer, ainda, mais uma consideração. Diferente de Gordon (1991), para quem há uma unidade da sociedade de normalização, nossa proposta relacional se aproxima da leitura de Collier (2011), para quem o problema da governamentalidade se altera a partir de 1979 em Foucault, passando a agir em multiplicidades e não mais em blocos homogêneos, segundo a ordem de agências distribuídas e poderes cada vez mais localizados. Pensar a tecnobiopolítica e o “problema da obesidade” em redes sociais, entendemos, diz respeito a séries de agenciamentos diversos e com efeitos não homogêneos.

Tendo isso em consideração e para pensar a tecnologia biopolítica, retrocedemos novamente na letra foucaultiana e no conceito de biopolítica e sua relação com a sexualidade. Ora, sabemos que, além de apresentar a sexualidade, na *História da Sexualidade*, Foucault (2009a [1976]) apontava que a vida natural, a que Aristóteles chamava de zoé, na modernidade, se tornava uma questão política. O poder passa a ser exercido sobre essa vida natural, e o sexo é o “cristal” da relação entre um corpo individual, das disciplinas, e o corpo da população. Esses dois corpos formam a questão do biopoder, que expande a preocupação para o que Foucault chamou de “governamentalidade” (Foucault, 2008), entendida por ele como as práticas de governar as condutas individuais e da população. O controle, porém, é uma relação sempre ambígua em relação à excitação dos corpos e à produção positiva de efeitos.

Esse governo biopolítico é centrado no “fazer viver” – daí a morte aparece como limite da soberania. Todavia, ele tem estratégias de criação de exceção, de anormalização. Foucault (2010), no curso *Em defesa da sociedade*, vai chamar essas estratégias de “racialização”, as quais são formas de exceção que não operam pela morte, mas de vários modos que garantem a “anormalização” pela divisão entre ter ou não ter saúde. É importante pensar essas discussões porque, na biopolítica, Foucault

vai marcar uma história de expansão do poder médico e da criação de uma “moral do corpo” (Foucault, 2010a, p. 168). O ponto de modificação para o governo biopolítico será o Plano Beveridge: “Tomando como ponto de referência simbólica o Plano Beveridge, observa-se, no decênio 1940-1950, a formulação de um novo direito, uma nova moral, uma nova economia, uma nova política do corpo” (Foucault, 2010a, p. 170).

Essa ampliação do poder médico para o campo da vida cotidiana, de dietas a cuidados de si até a medicalização da vida, que entendemos aqui como salutarismo (Crawford, 2019), ganha destaque com a criação de uma relação entre orgânico e psíquico, como ensina Caponi (2012). Na segunda metade do século XX e até hoje, assiste-se a um aumento de diagnósticos psiquiátricos e uma expansão do DSM para muitos e variados aspectos da vida psiquiátrica. Junto a esse movimento, produz-se uma medicalização de práticas e não mais de doenças. Segundo Mitjavila (2022, p. 7), “O século XX pode ser considerado o período de maior expansão do campo dos objetos de conhecimento e de intervenção da medicina científico técnica desde suas origens [...]”.

Esse poder médico espraiado para todos os campos da vida teve, ainda, uma leitura voltada para as formas de controle posteriores ao digital, marcadamente na discussão de Preciado (2018) sobre o regime farmacopornográfico. O que nos interessa, a partir de Preciado, é pensarmos os corpos gordos, que circulam nas redes, sob a égide de regimes de tecnopoder que se configuram em regimes tecnobioidiscursivos (Butturi Junior, 2024): ao mesmo tempo técnicos, discursivos, naturais e implacavelmente algoritmizados.

Para concluir esta seção, indica-se que entende-se neste texto o “corpo gordo” como questão biopolítica e como um dispositivo que produz subjetividades e normalização. A próxima seção está dedicada à sua “invenção” como um problema a partir da pergunta foucaultiano: por que apareceu este enunciado e não outro? (Foucault, 2012).

Corpo como questão e corpo gordo como questão

Nesta seção, comenta-se sobre o corpo como espaço de investimento da tecnobiopolítica e sobre o corpo gordo. Le Breton (2011) e por Sant’anna (1995) informam, dessa perspectiva, que desde a modernidade, apareceu uma nova experiência do corpo como lugar da identidade do sujeito. No mundo contemporâneo, conforme Dardot e Laval (2016), o corpo é investido de poderes que criam um sujeito como “empresa”: ele deve produzir a si mesmo, desempenhar tarefas de modo funcional, até o esgotamento:

De acordo com Sfez (1995), desde o final do século XX o Ocidente passa pela “Grande Saúde”, que vai do corpo individual ao corpo do planeta, com práticas de

“higiene absoluta” e com isso massivo de biotecnologias. Faxina (2019) que, nessa história, o discurso da “obesidade” como epidemia vai ganhar destaque nas ciências médicas e psi. Em 2000, a Organização Mundial da Saúde vai falar de uma “epidemia global de obesidade” e criar mecanismos de intervenção e de contenção dos “riscos” (Faxina, 2019). Na história recente, o homem empresa e seu corpo, como defende Faxina (2019), vão ser constituídos num dispositivo da obesidade, que funciona separando e racializando os sujeitos e as corporalidades tanto organizamente quanto psiquiatricamente:

[...] a obesidade tem sido historicamente descrita, no interior do discurso médico, como uma experiência amparada sob dois grandes domínios. O primeiro deles poderia ser chamado de “orgânico” ou “físico” e com ele se buscará explicar biologicamente o excesso de peso empregando, para isso, conhecimentos fisiológicos, de alimentação, medidas corporais, taxas de gordura etc. Seja qual for o nome a ele atribuído, não se deve esperar aí encontrar alguma realidade que seja objetiva, inerente ou anterior à sua configuração em determinada época. É que a obesidade, para ser consolidada como um tópico médico, demandará explicações biológicas capazes de suscitar pesquisas com grupos de indivíduos, levantamentos de sua prevalência na população e psicologia do indivíduo obeso. Dele partirá uma série de discursos que terão o objetivo de interpretar psicologicamente a obesidade levando em consideração, para isso, possíveis traços de personalidade que seriam comuns àqueles que comem além do que é cientificamente determinado como normal. Uma psicologia defeituosa será então esboçada e utilizada para justificar não só o ganho de peso do indivíduo, mas também sua permanência através dos anos e até aspectos relacionados ao seu caráter, à sua sexualidade e ao seu comportamento social. (Faxina, 2019, p. 78-79)

Note-se que Faxina (2019) considera, como Foucault (2009), que há uma ligação entre um corpo e um sujeito e, por consequência, uma moralização corporal e psiquiátrica. Como no dispositivo sexual, o dispositivo da obesidade não age por repressão, mas por incitação. Sant’Anna (2016) mostra as transformações históricas em relação ao corpo, em direção da funcionalidade “magra” e a anormalização da gordura corporal. Segundo ela, até a década de vinte do século XX havia uma celebração da gordura corporal como saúde. A partir da década de trinta, passa-se a questionar a relação saúde e adiposidade. A moral do corpo se modificava e a gordura começava a

ser vista como anormalização e vergonha. Esse movimento chega à sua forma ideal na década de setenta: “É quando a grande pança virou quase um palavrão, uma indecência, o mais claro indicador que seu proprietário falhou em investir no que deveria ser mais importante: a saúde e a estética do seu corpo” (Sant’Anna, 2016, p.92).

Sant’Anna (2016) vai mostrar que desde a década de cinquenta há uma modificação na indústria alimentícia, a criação da publicidade massiva para alimentos e, ao mesmo tempo, o aparecimento das dietas e dos regimes. O problema de gênero aparece e podemos entender as tecnologias ligadas ao emagrecimento como uma “tecnologia de gênero”, conforme a definição de De Lauretis (1994). Nos anos sessenta no Brasil, o dispositivo da obesidade junta uma série de tecnologias que incidem sobre o corpo das mulheres de forma diferente que dos homens: “A antiga ideia da esposa que depois de ter filhos podia conservar quilos a mais e vaidade a menos não combinava com a nova mulher ilustrada nas revistas da moda” (Sant’anna, 2016, p.100).

Ainda segundo Sant’Anna, nos anos oitenta passam a existir várias publicações, de revistas a livros infantis, que tem foco na produção do corpo saudável e no combate aos “malefícios” da obesidade. O “problema da obesidade” do sujeito e da população, a partir de então, passa a funcionar segundo a perspectiva salutarista e invade todos os campos da vida, balizado pela psiquiatria e pela invenção dos transtornos alimentares que, como um grande problema de saúde mental e física do século XXI, devem ser diagnosticados, tratados e medicalizado:

Os transtornos alimentares (TA) são caracterizados por uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulta no consumo ou na absorção alterada de alimentos, que compromete significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial. Além dessas alterações no comportamento alimentar, outras manifestações são percebidas nesses indivíduos, tais como distúrbios da imagem corporal e problemas com autoestima. Para uma adequada classificação e categorização dos TA, os manuais de critérios diagnósticos devem incorporar todo o conjunto de características sindrômicas, isto é, conjunto de sinais e sintomas presentes nesses indivíduos. Assim, os TA estão presentes nos principais sistemas classificatórios mais utilizados atualmente: a classificação da Associação Americana de Psiquiatria publicada em 2013 (5^a edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-51) e a 11^a edição da Classificação Internacional de Doenças (CID11)3, publicada em 2018 (Hiluy *et al.*, 2019, p. 6).

Na perspectiva salutarista, “Como potencialmente doentes, os indivíduos estão enfrentando pressões sociais mais intensas para agir de forma a minimizar esse potencial” (Crawford, 2019, p. 113). Se é uma doença e um problema social, o excesso de peso ou de gordura, agora solicitados pelo discurso de uma condição médica, a obesidade, vão novamente ganhar as manchetes e as redes sociais com a comercialização da Semaglutina como tecnologia de medicalização a serviço da “saúde”, mas também do melhor desempenho nas redes sociais e na sociabilidade em geral.

A próxima se ocupará dessa questão.

A cabeça de Ozempic

Antes de passar ao post na rede social X sobre Maiara e aos comentários, pode-se considerar os efeitos da semântica da “cabeça de Ozempic”, que ao mesmo tempo funciona em relação ao físico e ao psiquiátrico. Se Faxina (2019) descreveu o dispositivo da obesidade entre o orgânico e o mental, a “cabeça de Ozempic” funciona como uma marca de racialização (Foucault, 2010), porque separa uma magreza e uma magreza produzida pelo Ozempic, um psicologia não-compulsiva de uma psicologia com transtorno alimentar a ser tratado (uma “cabeça transtornada”).

O recorte que este artigo escolhido diz respeito a uma mulher que ficou célebre no Brasil por ser uma dupla de “sofrência” com sua irmã, Maraísa. Ambas eram celebradas como cantoras sertanejas, do interior, mas tiveram problemas por serem gordas. Desde o começo do sucesso, passaram a se produzir por regimes e cirurgias, porque seus corpos gordos pareciam um impedimento na carreira: “Sofremos o preconceito. Falavam que a gente nunca ia fazer sucesso porque éramos gordas”, ela dirão em uma entrevista ao jornal O Dia, em 2020.

Pode-se entender que há uma “jornada de saúde” para as duas cantoras, que nos últimos anos vem se apresentando cada vez mais magras. No entanto, em 2024, Maiara passou a ser alvo de contestação, porque estaria com a saúde física e mental abaladas desde que “emagreceu demais” e ganhou “cabeça de Ozempic”. Na rede X, entre muitos posts, foram escolhidos 3, metodologicamente por seus discursos e pela capacidade de propagação, como nos casos dos portais Choquei e Metrópolis, recordistas em acessos online. Todos os posts são de 2024.

O primeiro dos posts é de uma usuária comum e mostra o espanto público com o emagrecimento de Maiara e a “desproporção” de seu corpo:

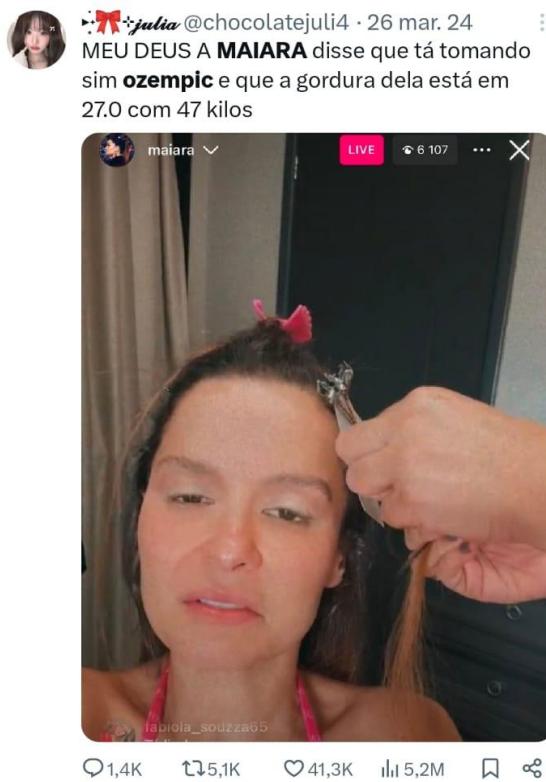


Imagen 1 – : post do X sobre Maiara

Fonte: X



Imagen 2 - a defesa pública de Maiara

Fonte: X

 **Metrópoles**  @Metropoles · 22 out. 24 · 
 Durante live, **Maiara** derruba comida de garfo e mastiga mesmo sem comida

A cantora **Maiara**, da dupla **Maiara** e Maraísa, durante uma live realizada em seu perfil, foi vista derrubando a comida de um garfo e mastigando mesmo assim. A artista, que confessou estar se sentindo [Mostrar mais](#)



Imagen 3 – post sobre a saúde mental de Maiara

Fonte: X

Entre as regularidades material-discursivas, a primeira que gostaríamos de destacar é a que relaciona saúde e bioascese. Ora, Maiara tem atrelados, nos comentários, sua saúde ao cuidado com seu corpo. Porém, esse cuidado tem um limite moral que é o de uma certa solicitação de natureza como semiotécnicas num regime tecnobioidiscursivo. Expliquemo-nos: os usuários insistem na preocupação com o corpo, mas segundo a ordem de um emagrecimento “natural”. Desta forma, a suposta desproporção de sua cabeça acaba indicando uma desproporção de sua mulheridade, uma desproporção que exige uma nova prática de bioascese de Maiara: o cuidado com o corpo é exigido, desde que de uma perspectiva natural. Essa moral do corpo aparece sempre colocada em xeque pela desmesura de Maiara, cujo problema é um cuidado farmacológico. Notemos que os três posts trazem imagens “problemáticas” de Maiara. No primeiro e no terceiro, ela aparece despenteada e o efeito é de “loucura”, que pode ser atestado por vários dos comentários dos usuários do X.

A relação entre uso de fármacos para emagrecimento e anormalização permanece e vai aparecendo de modo mais central o problema de uma hermenêutica algorítmica de si, como descrito em Butturi Junior (2025), que está bastante evidenciada nessa relação magreza-Ozempic-verdade de si. Assim é que, no segundo e no terceiro posts, nota-se a presença de outro enunciado importante, a confissão de

Maiara. Ela precisa falar a verdade sobre si mesma, precisa se explicar, precisa dizer que está “normal”. Essa hermenêutica do digital é assim descrita:

[...] uma tecnologia de si que não pode mais prescindir de uma agência distribuída entre humanos e não-humanos e que, notadamente, precisa investigar os modos pelos quais o “digital” passa a exigir confissão e verdade para a datificação e para novas formas de controle, que dizem respeito à servidão maquinica, conforme pensada por Lazzarato (2014). (Butturi Junior, 2025, p.312).

Voltemos à entrevista de O Dia: o que se exige de Maiara é que ela “admita seu problema”, que ela confesse. Nas redes sociais, no entanto, seu corpo já funciona como produção de verdadeiro de si, já que a materialização de seu corpo na intra-ação com o medicamento e a adiposidade, novamente, marcam um excesso. Essa confissão tem, como se sabe, uma inscrição nos saberes, como uma inscrição, nos moldes pensando por Kirby (1997) a partir de Derrida e da autografia das histéricas estudadas por Charcot e por Freud. A pergunta da autora, qual seja, “What does the nominative ,biological or anatomical body’ actually refer to?”, ganha, na modalidade *onlife* de Maiara, a necessidade de esse pensar tanto o corpo da mulher como investido pela medicina e pelos saberes psi, segundo a ordem da confissão, quanto de interrogar a topologia digital como uma grafia de corpo que exige uma decifração e uma moralidade específicas.

Dessa perspectiva de um corpo nos limites entre a linguagem, o algoritmo e a natureza, fica evidente a presença de uma moral de saúde como uma regularidade: “Cabeça de Ozempic”; “Imagina achar isso NORMAL”; “As vezes as pessoas só estão preocupadas com a distorção de imagem do famoso”; “Sério que ela acha isso? Ela tá precisando de um psicólogo”; “Coitada, Chega a dar pena de ver uma pessoa assim”; “Ela tá entregando os pontos, na frente de todos e ninguém socorre?”; “Essa moça tá com depressão! Q tristeza!”. Entre a saúde e a confissão, as séries material-discursivas inscrevem Maiara numa memória corporal-discursiva de histerização, de anormalização e de loucura, que ora solicitam ajuda médica, ora produzem ridicularização do corpo de Maiara, uma mulher que emagreceu demais e de modo “não natural”. As duas regularidades vão ao encontro do salutarismo e do panoptismo generalizado, no qual todos passam a exigir a saúde e a controlar as minúcias dos comportamentos.

Finalmente exige-se de Maiara que ela confesse sua “depressão”, que ela conte o a “verdade do seu corpo”, mas um corpo “feminino”, de uma mulher da música “sertaneja”, do discurso do agro brasileiro, vinculado ao conservadorismo, e que Stefanuto (2024) descreveu como a “estética do feminejo”. Nessas práticas, quando

questionadas sobre seu “feminismo”, as cantoras afirmam o “empoderamento”, desde que centrado na gestão das carreiras, na religiosidade e numa assunção da natureza da família. Este “empoderamento” polivalente cinde o feminismo e o feminino na materialização do que é o “valorizar-se”:

A ideia de se valorizar, eventualmente como um sintoma da clivagem do valor, e abrir mão de relacionamentos que não levam ao casamento, sendo este o “dar certo”, mantém a aparência de autonomia e liberdade da mulher, ao mesmo tempo em que funciona como porta giratória para uma educação sentimental pautada na família heterossexual com filho. (Stefanuto, 2024, p. 328).

No caso de Maiara, no post 2 temos a imagem da valorização e a inveja de quem “não chegou” lá. A confissão material-discursiva precisa ser uma afirmação do feminino e uma crítica neoconservadora ao gênero, tido como um problema de anti-natureza. Seu corpo, então, aparece na ambiguidade, porque protético: que verdade feminina está em jogo com o artifício das cirurgias e do Ozempic? Mas, ainda, como ser uma “mulher de verdade” com seus agenciamentos (Puar, 2013) *feminejos*, com um corpo gordo e fora-da-norma.

Ao que parece, o efeito de Maiara é mesmo questionar esses limites em que tecnologias de gênero e tecnologias do eu estão em jogo. Seu fracasso é a marca da própria impossibilidade de uma performance normativa feliz ou de uma performance existencial que atenda aos atravessamentos onde seu corpo existe – e onde é controlado, criticado, esmiuçado e positivado.

5 Considerações finais

Neste artigo, discutiu-se o “dispositivo da obesidade” e a biopolítica a partir do aparecimento da Semaglutina em seu uso off label de emagrecimento. O texto abordou os conceitos gerais de discurso, dispositivo, biopolítica e governo, inicialmente. Depois, fez uma breve apanhado da discussão sobre corpo, saúde e salutarismo, colocando o corpo gordo com problema físico e mental, segundo uma medicina e uma medicalização geral e moral da vida.

Na última seção, passou-se a uma tentativa de análise material-discursiva sobre cantora Maraisa e seu emagrecimento, que a colocaram como uma “mulher louca” ou “magra demais” ou “falsamente magra”. Esses discursos mostram que o corpo aparece como um lugar da verdade subjetiva e como um problema a se tratar, agora com o uso de remédios, que também são problematizados.

Por fim, é importante pensar que o que se vê é que há, atualmente, uma ênfase na saúde e na magreza das mulheres cis. As tecnologias de gênero que estão à

disposição criam efeitos discursivos muito similares aos de histerização da mulheres descritos por Foucault (2009). Elas colocam em jogo os limites entre corpo e discurso e, no limite, exigem uma leitura sobre as várias materialidades em questão e a agência distribuída entre humanos e não-humanos.

REFERÊNCIAS

BARAD, K. *Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria*. Trad. Thereza Rocha. *Vazantes*, v. 1, n. 1, 2017.

BENNET, J. *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. London: Duke University Press Durham and London, 2010.

BUTTURI JUNIOR, A. A polivalência tática como teoria da resistência em Michel Foucault. In: BRAGA, A.; SÁ, I. de. (org.). *Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2020. p. 21-46.

BUTTURI JUNIOR, A. Michel Foucault e as coisas sem paz. In: BUTTURI JUNIOR, A.; FERNANDES, C.; BRAGA, S. (org.). *Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade*. Pontes, 2023, v. 1, p. 65-81.

BUTTURI JUNIOR, A. O onlife, a hermenêutica algorítmica de si e os usuários ostensivos da PrEP no gay Twitter do Brasil. *Contrapontos (Online)*, v. 25, p. 296-314, 2025. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/21415>. 5 out. 2025. Acesso em: 5 out. 2025.

BUTTURI JUNIOR, A.; CAMOZZATO, NATHALIA MÜLLER . Prolegômenos a uma análise neomaterialista dos discursos. In: SEVERO, C. G.; BUSATO, M. (org.). *Cosmopolítica e Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2023. p. 76-95.

CAPONI, S. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Scielo, Fiocruz, 2012.

COLLIER, S. J. Topologias de poder: a análise de Foucault sobre o governo político para além da “governamentalidade”. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* , v. 5, jul 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000100010>. Acesso em: 10 out. 2025.

CRAWFORD, R. Salutarismo e medicalização da vida. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 13, n. 1, 2019.

DE LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

FAXINA, J. M. *A obesidade como antinatureza: disciplina, biopolítica e doentização dos corpos*. 2019. Dissertação – (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2019.

FLORIDI, L. (ed.). *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected*. London: Springer, 2015.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 5. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. Crise da medicina e da anti-medicina, *Verve*, p. 167-194, 2010a.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 27. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2009a. p. 243-276.
FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009b.

GORDON, C. Governmental rationality: an introduction. In: BURCHELL, Graham; GORDON, Colin; MILLER, Peter (ed.). *The Foucault effect: studies in governmentality*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HILUY, J. C et al. Os transtornos alimentares nos sistemas classificatórios atuais: DSM-5 e CID-11. *Debates in psychiatry*, p. 6-13, jul./set. 2019. Disponível em: <https://share.google/gO1I0JLHeFuL8y4cz>. Acesso em: 09/05/2025.

HUANG, X. Why you should (not) use semaglutide?": A critical discourse analysis on health professionals' videos of semaglutide for weight loss on Douyin. *Social Science and*

Medicine, v. 382, out. 2025. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953625006707>. Acesso em: 09/07/2025.

KIRBY, V. *Telling Flesh: The Substance of the Corporeal*. London: Routledge & Taylor & Francis Group. 1997.

LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEMKE, T. *The Government of Things: Foucault and the New Materialisms*. New York: New York University Press, 2021.

MITJAVILA, M. Apresentação. In: MITJAVILA, M. *A medicalização do espaço social: objetos discursivos e tecnologias políticas na América Latina do século XX*. São Paulo: LiberArs, 2022.

MOTA, A. O corpo sob as lentes neoliberais do presente. Medicina, saúde e cuidado de si In: ESTEVES, A.; ANDRADE, J. G.; AMARAL, I. (org.). *Reflexões sobre a história do corpo. visões interdisciplinares*. Braga: Universidade do Minho, 2024. p.94-107.

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PUAR, J. “Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. *Meritum*, v. 8, n. 2., jul./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.46560/meritum.v8i2.2171>. Acesso em: 13 out. 2025.

SANT'ANNA, D. B. de. *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANT'ANNA, D. B. Corpo e história. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, Núcleo de Estudo e Pesquisa da Subjetividade, v. 2, 1995, p. 243-266, 1995.

SOARES; T.; PEREIRA, L. O salutarismo na cultura pop: performance biopolítica em relatos de celebridades no uso de Ozempic. *Comunicação & Inovação*, n. 6, e 20259801, jan./dez. 2025. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/9801. Acesso em: 10 abr. 2025.

STEFANUTO, J. R. R. Estética, agro-subjetivação e dominação: o exemplo do ‘femeinejo’ no Brasil contemporâneo. *Constelaciones. Revista De Teoría Crítica*, n. 16, p. 315-333. Disponível: <https://constelaciones-rtc.net/article/view/5497>. Acesso em: 5 out. 2025.

NOTAS

AUTORIA

Pedro Paulo Venzon Filho

<https://orcid.org/0009-0000-7688-6862> 

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade Federal de Santa Catarina/ Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
pedro@pedrovenzon.com

Atilio Butturi Junior

<https://orcid.org/0000-0002-9985-2259> 

Doutor em Linguística

Universidade Federal de Santa Catarina/ Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina

Pós-Doutorando no IEL/UNICAMP

atilio.buturi@ufsc.br

Luciana Patricia Zucco

Doutora em Saúde da Criança e da Mulher

<https://orcid.org/0000-0003-2955-1642> 

Universidade Federal de Santa Catarina/ Departamento de Serviço Social

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina

lpzucco@gmail.com

CONTRIBUIÇÃO DA AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: Venzon Filho, Butturi Junior e Zucco

Análise de dados: Venzon Filho, Butturi Junior e Zucco

Discussão dos resultados: Venzon Filho, Butturi Junior e Zucco

Revisão e aprovação: Venzon Filho, Butturi Junior e Zucco

FINANCIAMENTO

CAPES e CNPq.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à CAPES e eu CNPq, respetivamente pela bolsa de doutoramento de Venzon Filho e a bolsa PQ de Butturi Junior.